

Crenças em relação à velhice entre alunos da graduação, funcionários e coordenadores-professores envolvidos com as demandas da velhice em universidades brasileiras

*Meire Cashioni
Luis Enrique Aguilar*

RESUMO: A revisão de crenças e atitudes em relação à velhice é científica e educacionalmente relevante. No ambiente universitário, quebra preconceitos e demonstra que é possível aprender e se desenvolver durante a última etapa do ciclo vital. Realizamos um estudo com 68 sujeitos, formado por 47 alunos de graduação, 6 funcionários envolvidos em trabalhos para os mais velhos e 15 coordenadores-professores de programas na área gerontológica. Visamos verificar crenças em relação à velhice. Três instituições foram investigadas, sendo uma privada e duas públicas. O instrumento foi uma escala diferencial semântica cobrindo os domínios fatoriais agência, cognição, relações sociais e *persona* em relação à velhice. Os sujeitos das três instituições investigadas apresentam respostas com tendências positivas para crenças em relação à velhice. Ao comparar os alunos da graduação, funcionários e coordenadores-professores, os graduandos apresentaram tendências mais positivas diante dos resultados dos coordenadores-professores. A amostra da instituição privada pontuou mais negativamente do que os demais no domínio relacionamento social.

Palavras-chave: crenças em relação à velhice; idosos; universidade.

ABSTRACT: *The review of beliefs and attitudes regarding old age is scientific and educationally relevant. In the university environment, the elderly break prejudices and show that it is possible to learn and develop during the last stage of the vital cycle. We conducted*

a study with 68 subjects: 47 undergraduate students, 06 employees involved in works for the elderly and 15 coordinators-professors from programs in the area of gerontology. Our aim was to verify beliefs regarding old age. Three institutions were investigated, one private and two public ones. The instrument was a differential semantic scale covering the factorial domains agency, cognition, social relations, and persona, concerning old age. The subjects from the three institutions presented answers with positive tendencies to beliefs regarding old age. Comparing the undergraduate students, employees, and coordinators-professors, the students showed more positive tendencies compared to the results of the coordinators-professors. The sample from the private institution scored more negatively than the others in the domain of social relations.

Keywords: Beliefs regarding old age; elderly; University.

As atitudes em relação à velhice fazem parte de um campo conceitual que inclui as crenças, os preconceitos e os estereótipos. Esses elementos chamam a atenção de leigos e pesquisadores porque se acredita que determinam práticas e políticas sociais em relação aos idosos. No entanto, à luz de conhecimentos teóricos e empíricos gerados pela psicologia social e pela sociologia, é mais adequado falar que existe uma relação recíproca entre atitudes, preconceitos e estereótipos e o contexto social e científico onde aparecem.

A noção de atitude como predisposição socialmente aprendida para o comportamento é aceita clássica e consensualmente pelos psicólogos sociais. Da mesma forma, aceita-se que as atitudes se organizam em sistemas cujo caráter distintivo é o avaliativo, que se expressa afetivamente em termos de intensidade (mais x menos ou maior x menor) e direção (positiva x negativa); que orientam a ação e que têm um componente cognitivo (Osgood, Suci e Tannenbaum, 1957). O componente cognitivo é uma estrutura de conhecimentos ou de crenças compartilhadas com outras pessoas. Estas possibilitam ao indivíduo organizar e hierarquizar as informações recebidas e assim auxiliam na construção de suas noções sobre o mundo externo e sobre si mesmo. São compartilhadas com o grupo no qual ele está inserido, que, por sua vez, mantém estreita ligação com a organização, com a cultura e com o grau de envolvimento e a participação dos seus integrantes. Por conseguinte, o que é tido como uma crença válida para determinado

grupo pode não ser em outro, dependendo dos eventos sociais, culturais, históricos e políticos que afetam e afetaram a experiência individual e coletiva. Atitudes e crenças são, assim, assumidas como eventos reguladores do comportamento de indivíduos e grupos. Ambos os conceitos têm largo trânsito quando o interesse é conhecer preditores afetivos e cognitivos do comportamento em relação a objetos sociais, caso da velhice e dos idosos.

A velhice é um conceito historicamente construído que se integra ativamente à dinâmica das atitudes e dos valores culturais da sociedade. A marca social da velhice é estar em oposição à juventude. Em todas as culturas e em todos os tempos históricos, existe forte associação entre velhice, dependência, afastamento, improdutividade, isolamento, desvalorização social, doença, incapacidade, declínio e morte. Em todos os contextos, é recorrente a oscilação entre a glorificação e a depreciação da figura do velho, a aceitação e a rejeição da velhice, o realismo e o idealismo na consideração das características da velhice e dos idosos. Esse assunto tem merecido a atenção dos cientistas sociais desde há 60 anos (Neri, Cachioni e Resende, 2002; Neri, 2006).

Os preconceitos podem ser gerados pelo desconhecimento ou pela desconsideração dos critérios que definem as classes e, também, pelo desconhecimento ou a desconsideração do grau de generalidade e de singularidade dos elementos que as compõem. Alguns conceitos são errôneos porque se baseiam num processo de supergeneralização em que, sem evidências suficientes, toma-se uma ocorrência como típica de todo um grupo. No campo da velhice, evidenciam preconceitos as seguintes afirmações: velhice é sinônimo de doença, a velhice é a melhor idade da vida, os idosos não têm nada com que contribuir para a sociedade, a maioria dos idosos existentes no mundo habita os países desenvolvidos, todas as pessoas envelhecem do mesmo jeito, todos os velhos são iguais, os velhos são mais propensos a acidentes do que os jovens (Cachioni, 2002).

Em 1969, o gerontólogo Robert Butler cunhou o termo “*ageism*” para descrever os preconceitos que resultam de falsas crenças a respeito dos idosos, cujo efeito é a discriminação social baseada no critério

de idade. O autor definiu o fenômeno do preconceito em relação aos idosos como uma forma de intolerância comparável à racial, à religiosa ou a que se estabelece com base no sexo das pessoas, dando origem a políticas e práticas discriminativas. Por exemplo, no Brasil, observa-se uma sutil campanha de atribuição dos déficits da previdência e do sistema de saúde ao aumento da população idosa, na qual se baseia a negação de reajustes das aposentadorias e de recursos terapêuticos aos mais velhos (Neri, 2003).

No final dos anos 70, Kalish caracterizou o que denominou *new ageism* ou uma forma de preconceito etário em relação aos idosos não baseado em estereótipos negativos, mas em estereótipos compassivos, focalizados no velho dependente, incapaz e sem poder político, para o qual são advogadas políticas protecionistas. Segundo Kalish (1979), tal manifestação pode acirrar os ânimos dos mais jovens contra os idosos, principalmente em épocas de desemprego e recessão, em que políticas de proteção aos mais velhos podem roubar oportunidades aos mais jovens. No âmbito da família e das instituições, a vitimização dos idosos contribui para que lhes seja oferecido um tratamento superprotetor que, em vez de ampliar-lhes as chances de autonomia e independência, transforma-os em seres cada vez mais dependentes. Por essa ótica, o encorajamento de tratamentos paternalistas ou de formas de tratamento como *vovô/vovó*, *velhinho/velhinha* ou *senhorzinho/senhorinha* podem ser tão prejudiciais à auto-estima e à autodeterminação dos idosos quanto os estereótipos negativos (Neri, 2006).

Palmore (1990) acrescentou novo elemento à análise das atitudes em relação à velhice quando estabeleceu a noção de preconceito etário positivo e negativo (*positive and negative ageism*), para qualificar as falsas avaliações sobre a velhice. Para o autor, por exemplo, considerar todos os idosos como sábios denota preconceito positivo. O autor conjectura que, se considerarmos que a natureza da sabedoria atribuída aos velhos é ser composta de conhecimentos estáticos e pertencentes ao passado, e não a de servir para lidar com os desafios do presente, chegaremos à conclusão que essa atribuição serve para alijar os idosos das decisões. O mesmo raciocínio se aplica aos estereótipos compassivos (os idosos

como coitados) ou à idéia de que são bonzinhos, acomodados, não-exigentes, aceitadores e que não percebem o que está acontecendo, os quais ajudam a privá-los de decidir sobre suas vidas e a serem alijados da vida familiar e social, mesmo que tenham condições para decidir e participar.

Falsas avaliações positivas são igualmente subjacentes aos termos com que hoje os leigos designam a velhice, pensando que são melhores por não terem a mesma conotação negativa das palavras *velho*, *idoso* ou *velhice*. Muitas pessoas preferem expressões tais como *terceira idade*, *boa idade*, *melhor idade*, *idade legal*, *maior idade*, *idade dourada* e equivalentes. Bem analisadas, eles não passam de eufemismos, usados de forma não-crítica, para mascarar práticas baseadas em preconceitos (Neri, 2006).

Levy (2001) chamou atenção para a existência de pensamentos, sentimentos e comportamentos que existem e operam sem o conhecimento ou o controle conscientes das pessoas, como se fizessem parte das formas naturais de interagir com os idosos. Não são percebidos pelos idosos, que parecem pensar serem naturais as formas de tratamento discriminativo a que são submetidos no trabalho, na propaganda e nos serviços de saúde. Pessoas e instituições sociais constroem explicações plausíveis para as discriminações, que as justificam e perpetuam. A autora denominou esse fenômeno *implicit ageism*.

Refletindo sobre a natureza preconceituosa da ciência e das práticas profissionais, Schaie (1993) afirma que, na formação das atitudes em relação à velhice, têm grande peso as opiniões e as ações dos cientistas e dos profissionais de ajuda, as quais muitas vezes são preconceituosas. Entre elas podemos citar:

- Considerar os idosos como uma categoria homogênea, sem levar em conta que diferentes condições de saúde e de estilo de vida refletem-se em diferentes manifestações de competência comportamental, atitudes, expectativas e valores.
- Atribuição prévia de dependência física, depressão e doença aos sujeitos idosos.

- Consideração da velhice como fase de declínio, improdutividade, afastamento e impossibilidade de desenvolvimento.
- Inadequação de instrumentos, instruções, equipamentos e ambientes usados nas situações de avaliação física e comportamental ou de coleta de dados em laboratórios de pesquisa.
- Confusão entre os efeitos da velhice e da pobreza, da velhice e da doença ou, ainda, da velhice e de baixo nível educacional.
- Desconsideração das circunstâncias históricas como determinantes de estilos de vida e de valores dos mais velhos.

Compreender a multidimensionalidade das atitudes perante a velhice, as suas múltiplas causas e, sobretudo, as relações recíprocas que existem entre esses precursores do comportamento e as condições dos idosos é de fundamental importância para a gerontologia social. Como as atitudes são socialmente aprendidas, a educação desempenha um papel central em qualquer projeto de mudança de atitudes em relação à velhice. Aumentar a informação e levar as pessoas e as instituições a pensarem de forma mais positiva e realística sobre os idosos e a velhice podem contribuir para mudar as suas atitudes, mas só isso não é suficiente para modificar a maneira pela qual a sociedade trata seus idosos. É necessário também promover a educação ao longo de toda a vida para todos os cidadãos (Cachioni, 2002).

A educação é importante agente promotor de novos comportamentos e de novas formas de pensar valores, crenças e expectativas sociais e individuais sobre a velhice. Ela pode ocorrer em vários domínios e níveis, mas interessa aqui enfatizar aqueles que estão envolvidos com a população idosa nas instituições de ensino superior brasileiras. Vários pesquisadores têm estudado a estrutura e a tendência das atitudes dos que convivem com idosos nos vários contextos nas universidades.

Fitzgerald et al. (2003) relataram ter encontrado repertório muito baixo de conhecimentos, baixo interesse por geriatria e atitudes moderadamente negativas entre ingressantes de medicina, mas que contatos prévios com idosos e atitudes positivas relacionam-se positivamente com interesse pela área. Neri e Jorge (2006) fizeram um estudo de

levantamento com 277 alunos de graduação de Pedagogia, Educação Física, Medicina e Enfermagem para conhecer seus conhecimentos e atitudes em relação a idosos. Como resultados, obtiveram que os mais jovens, as mulheres e os que conviviam com idosos apresentaram atitudes mais positivas; baixo nível de acertos no teste de conhecimentos básicos; os alunos de Enfermagem, Educação Física e Medicina, que haviam estudado algum tópico ou disciplina sobre velhice, tiveram mais acertos; houve correlações positivas e significantes entre atitudes e conhecimentos em relação à velhice.

Stuart-Hamilton (2000) verificou as atitudes em relação à velhice entre 89 alunos de um curso de psicologia que estavam fazendo estágio em gerontologia. Os resultados apontaram respostas com tendência neutra para os aspectos de envelhecimento psíquico e com tendência negativa para questões relacionadas ao aspecto econômico. No Brasil, foram obtidos resultados similares. Utilizando-se de uma escala diferencial semântica, Freire, Areais e Rabelo (2001) investigaram as atitudes de estudantes universitários das áreas de saúde e de ciências humanas em relação à velhice. Foram sujeitos 200 estudantes que desenvolviam atividades práticas com pessoas idosas (160 da área de saúde e 40 da área de humanas). As respostas da maioria dos sujeitos foram moderadamente positivas, tendendo ao ponto central da escala, o que indicou uma tendência geral positiva. No entanto, foi verificada uma tendência moderadamente negativa em relação à perspectiva pessoal de envelhecimento. No mesmo contexto, Freire, Rabelo e Areais (2001) verificaram as atitudes de estudantes de medicina em relação ao idoso e à velhice pessoal. Os dados foram coletados com 12 alunos do curso de medicina que já desenvolviam estudos gerontológicos e realizavam seus estágios com idosos. As autoras verificaram que os participantes vêm de forma positiva a sua própria velhice, mas, quando se trata do idoso em geral, tendem a dar respostas próximas ao ponto neutro da escala.

Polizzi e Steitz (1998) relatam que as mulheres educadoras apresentam atitudes mais positivas em relação à velhice do que homens educadores. Homens e mulheres mais velhos apresentaram atitudes

mais favoráveis perante a velhice e ao envelhecimento do que os mais novos. Os autores sugerem que quanto maior o grau de formação e de conhecimento gerontológico, maior a tendência para uma visão mais negativa e realista acerca da velhice. No entanto, analisam, a convivência com pessoas mais velhas contribui para atitudes mais positivas.

Os dados acima apresentados são uma forma de demonstração de que as atitudes exercem papel orientador sobre os comportamentos dos indivíduos. Por esse motivo, parece-nos importante investigar as atitudes em relação à velhice dos que interagem no ambiente do ensino, com pessoas idosos. Defendemos a idéia de que, ao se avaliarem as atitudes dos que estão envolvidos no atendimento, formação e prática gerontológica, podemos conhecer a influência que os mitos e preconceitos exercem sobre o meio acadêmico e científico.

Objetivos

Estabelecemos como primeiro objetivo deste estudo a caracterização das crenças em relação à velhice entre alunos da graduação, funcionários e coordenadores-professores de três instituições de ensino superior brasileiras, em termos de sua intensidade e direção. Também queremos analisar essas condições, em termos de sua estrutura, considerando os domínios cognitivo, de relações sociais, instrumental (agência) e de estereótipos (persona). Tais variáveis serão estudadas comparativamente entre os diferentes grupos investigados, portadores de diferentes bagagens educacionais e profissionais.

A amostra: caracterização das instituições

Uma questão essencial ao estabelecimento da generalidade dos dados desta pesquisa era garantir que as universidades brasileiras que desenvolvem a área gerontológica estivessem representadas na amostra. Na impossibilidade de trabalhar com representatividade estatística, optamos por selecionar intencionalmente três instituições, sendo uma privada e duas públicas, oriundas de dois estados brasileiros. Tais insti-

tuições foram selecionadas porque, conforme o seu comprometimento com o tema velhice, oferecem oportunidade de educação permanente a adultos maduros e idosos; possuem serviços especializados de promoção da qualidade de vida do segmento idoso como também geram ensino e pesquisa na área gerontológica e possibilitam contato intergeracional planejado e sistemático. Em relação à formação de recursos humanos, a instituição privada, situada no estado de São Paulo, possui um programa de pós-graduação em gerontologia. Oferece atividades de atualização de conhecimentos, socioculturais e de orientação em saúde física e mental para maduros e idosos através do programa Universidade Aberta à Maturidade. A instituição pública, localizada no estado de Santa Catarina é pioneira no oferecimento de educação permanente a adultos maduros e idosos e na formação de recursos humanos na área gerontológica. O grande interesse pelas questões relativas à velhice e ao envelhecimento que a presença dos idosos suscitou na instituição e os trabalhos do Núcleo de Estudos da Terceira Idade incentivaram a criação de vários grupos de estudo e pesquisa. A instituição pública, oriunda do estado de São Paulo, investiu de maneira significativa sua atuação no contexto da velhice e do processo de envelhecimento com a abertura do Curso de Gerontologia. Trata-se de curso pioneiro no Brasil. Na educação de adultos maduros e idosos, oferece o programa Universidade Aberta à Terceira Idade.

Caracterização dos sujeitos

Para evitar distorções que pusessem em risco a confiabilidade das amostras locais, decidimos trabalhar com a totalidade dos alunos da graduação e funcionários envolvidos com os programas para os idosos em cada instituição, no período de nossa coleta de dados.

A amostra foi composta por 68 sujeitos, formado por 47 alunos de graduação, 6 funcionários e 15 coordenadores-professores de programas na área gerontológica. O grupo de alunos, em quase sua totalidade, apresenta idade inferior a 40 anos de idade. São jovens estudantes com idade média de 22 anos, matriculados nos dois anos iniciais dos

curso. Os funcionários, 100% da amostra, apresentam idade média superior a 49 anos. São profissionais que já possuem longa trajetória de trabalho e maior experiência de vida, motivo pelo qual as instituições recorrem a essas pessoas para funções que atendem as demandas dos idosos. Existem mais mulheres na amostra de alunos da graduação, numa relação de 89,36% para 10,64% de homens, o que não é de causar estranheza porque os estudantes são oriundos de cursos da área da saúde e do cuidado, procurados majoritariamente pela população feminina, assim como a pesquisa na universidade tende a contar com a presença mais forte de mulheres. Podemos verificar o mesmo fato na amostra de funcionários, em que apenas um profissional investigado é do gênero masculino. Suas atribuições estão vinculadas a unidades e departamentos das áreas de ciências humanas e sociais e da saúde. Quase a totalidade dos coordenadores-professores investigados estão envolvidos em atividades nas universidades abertas à terceira idade, alguns ocupam cargo de coordenação, outros atuam na docência. Os mesmos estão também envolvidos na área gerontológica através de núcleos de estudo ou pesquisa e dos programas de pós-graduação. Os indivíduos participaram voluntariamente, a partir de nossa solicitação.

Instrumento

Para avaliar as crenças sobre a velhice da amostra de professores, utilizamos a Escala de Crenças em Relação à Velhice construída por Neri (1991, 1995, 1996). Contém 30 itens pertencentes a quatro domínios fatoriais. Trata-se de escala diferencial semântica em que cada item é ancorado por dois adjetivos em oposição. A intensidade das respostas é indicada por um gradiente de cinco pontos e sua direção positiva ou negativa pela posição relativa dos adjetivos positivos ou negativos em cada par.

A estrutura dessa escala foi descrita fatorialmente em termos cognitivos ou relativos à capacidade de processamento da informação e de solução de problemas, com reflexos sobre a adaptação social (10 itens); de agência, isto é, autonomia e instrumentalidade para a

realização (6 itens); de relacionamento social, cobrindo aspectos afetivo-motivacionais, refletidos na interação social dos idosos (7 itens); e alusivos à imagem social (*persona*), por se acreditar que refletem os rótulos sociais comumente usados para designar e discriminar pessoas idosas (Anexo 1). No Quadro 1 estão apresentados os itens pelos domínios dessa escala.

Quadro 1 – Domínios fatoriais e itens da escala Meri para avaliação de crenças em relação ao idoso (*), () e (***)**

Cognição	Agência	Relacionamento Social	Persona
1. Sábio-tolo	6. Entusiasmado-deprimido*	2. Construtivo-destrutivo*	4. Aceito-rejeitado*
21. Claro-confuso*	11. Saudável-doentio*	3. Bem-mal-humorado	7. Integrado-isolado*
23. Preciso-impreciso*	13. Ativo-passivo	5. Confiante-desconfiado*	8. Atualizado-ultrapassado*
25. Concentrado-distraído	16. Esperançoso-desesperado	12. Cordial-hostil	9. Valorizado-desvalorizado
26. Rápido-lento*	18. Independente-dependente*	15. Interessado-desinteressado pelas pessoas*	10. Agradável-desagradável
27. Flexível-rígido	19. Produtivo-improdutivo	17. Generoso-mesquinho*	20. Progressista-retrógrado
28. Criativo-convencional		22. Condescendente-crítico	14. Sociável-introvertido
29. Persistente-inconstante			
30. Alerta-emborçado*			
24. Seguro-inseguro*			

(*) Conceito "O idoso é".

(**) Os numerais à esquerda dos itens indicam sua ordem de aparecimento no instrumento. Os asteriscos indicam que o item foi invertido para aplicação.

(***) Os sujeitos são convidados a responder por escrito assinalando o ponto correspondente à sua avaliação, item a item, numa escala de cinco pontos ancorada pelos dois adjetivos opostos.

Análise dos dados

Para verificar a consistência interna das respostas ao instrumento Crenças em Relação à Velhice, foi calculado o *coeficiente α de Cronbach*.

Valores de α acima de 0,80 indicam alta consistência interna, mas valores acima de 0,60 já indicam consistência entre os itens de resposta (Cronbach, 1951). Para comparar as variáveis categóricas entre os grupos foram utilizados o teste Qui-Quadrado ou o teste exato de Fisher (na presença de valores esperados menores que cinco). Para comparação das variáveis contínuas entre dois grupos, foi utilizado o teste de Mann-Whitney, devido à ausência de distribuição normal das variáveis. Para comparar os três grupos, foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis, seguido do teste *post-hoc* de Dunn. O nível de significância adotado para todos os testes estatísticos foi de 5%, ou seja, $p < 0,05$.

Resultados

As Tabelas 1, 2 e 3 apresentam as comparações dos escores de crenças em relação à velhice (domínios cognitivo, agência, relacionamento social e persona e escore total) entre os três grupos – alunos da graduação, funcionários e coordenadores-professores, entre os alunos do 1º e 2º anos do curso de gerontologia e entre as três instituições investigadas.

Tabela 1 – Análise comparativa dos escores de crenças em relação à velhice entre grupos

VARIÁVEL	'ALUNOS'			
	N	MÉDIA	D.P.	MEDIANA
COGNITIV	47	2.47	0.48	2.40
AGENCIA	47	2.30	0.51	2.17
RELSOCIAL	47	2.33	0.33	2.29
PERSONA	47	2.40	0.47	2.43
CRENCATOT	47	2.39	0.37	2.27

<u>'FUNCIONÁRIOS'</u>				
VARIÁVEL	N	MÉDIA	D.P.	MEDIANA
COGNITIV	6	2.78	0.91	2.45
AGENCIA	6	2.67	1.00	2.50
RELSOCIAL	6	2.69	0.77	2.43
PERSONA	6	2.67	1.13	2.64
CRENCATOT	6	2.71	0.92	2.43

<u>'COORDENADORES-PROFESSORES'</u>					
VARIÁVEL	N	MÉDIA	D.P.	MEDIANA	P-VALOR*
COGNITIV	15	2.72	0.47	2.80	P=0.202
AGENCIA	15	2.70	0.57	2.83	P=0.046
RELSOCIAL	15	2.66	0.40	2.71	P=0.029
PERSONA	15	2.88	0.49	3.00	P=0.010
CRENCATOT	15	2.74	0.42	2.87	P=0.022

* p-valor referente ao teste de Kruskal-Wallis para comparação das variáveis entre Grupos (Alunos, Funcionários e Coordenadores-professores). Diferenças significativas (teste post-hoc de Dunn; $p < 0.05$): **Agência** ('Aluno' \neq 'Coordenadores-professores'); **Relacionamento Social** ('Aluno' \neq 'Coordenadores-professores'); **Persona** ('Aluno' \neq 'Coordenadores-professores'); **Escore Total** ('Aluno' \neq 'Coordenadores-professores').

A Tabela 1 permite apreciar os p-valores e as estatísticas descritivas. A tendência geral foi moderadamente positiva, uma vez que as médias estiveram entre 2,30 e 2,88 e as medianas entre 3,0 e 2,17. Houve diferença significativa entre alunos da graduação e coordenadores-professores. Os graduandos apresentaram tendências mais positivas nos domínios agência, relacionamento pessoal e persona.

Tabela 2 – Análise comparativa dos escores de crenças em relação à velhice entre alunos do 1º e 2º ano do curso de Gerontologia

<u>'ALUNOS 1º ANO'</u>						
VARIÁVEL	N	MÉDIA	D.P.	MÍN	MEDIANA	MÁX
COGNITIV	23	2.56	0.53	1.50	2.40	3.30
AGENCIA	23	2.39	0.55	1.33	2.50	3.33
RELSOCIAL	23	2.42	0.36	1.71	2.57	3.00
PERSONA	23	2.50	0.54	1.43	2.43	3.57
CRENCATOT	23	2.48	0.43	1.67	2.50	3.23

<u>'ALUNOS 2º ANO'</u>							
VARIÁVEL	N	MÉDIA	D.P.	MÍN	MEDIANA	MÁX	P-VALOR*
COGNITIV	22	2.35	0.41	1.60	2.30	3.60	P=0.112
AGENCIA	22	2.14	0.38	1.33	2.08	3.17	P=0.067
RELSOCIAL	22	2.23	0.28	1.71	2.21	2.71	P=0.075
PERSONA	22	2.27	0.35	1.71	2.29	3.00	P=0.132
CRENCATOT	22	2.26	0.25	1.87	2.27	2.73	P=0.084

* p-valor referente ao teste de Mann-Whitney para comparação das variáveis entre alunos do 1º e 2º ano do curso de gerontologia.

Na Tabela 2 podemos observar que não houve diferença significativa entre os alunos do 1º e 2º anos do curso de gerontologia. Ambos apresentaram tendências positivas.

Tabela 3 – Análise comparativa dos escores de crenças em relação à velhice entre instituições

<u>'Instituição Privada – SP'</u>					
VARIÁVEL	N	MÉDIA	D.P.	MEDIANA	
COGNITIV	7	3.01	0.31	3.00	
AGENCIA	7	2.90	0.38	3.00	
RELSOCIAL	7	2.98	0.22	3.00	
PERSONA	7	3.08	0.50	3.00	
CRENCATOT	7	3.00	0.30	3.00	

<u>'Instituição Pública – SC'</u>					
VARIÁVEL	N	MÉDIA	D.P.	MEDIANA	
COGNITIV	5	2.44	0.52	2.40	
AGENCIA	5	2.53	0.75	2.67	
RELSOCIAL	5	2.37	0.31	2.14	
PERSONA	5	2.60	0.53	2.71	
CRENCATOT	5	2.48	0.48	2.50	

<u>'Instituição Pública – SP'</u>					
VARIÁVEL	N	MÉDIA	D.P.	MEDIANA	P-VALOR*
COGNITIV	3	2.50	0.40	2.50	P=0.087
AGENCIA	3	2.50	0.67	2.50	P=0.472
RELSOCIAL	3	2.38	0.30	2.29	P=0.013
PERSONA	3	2.86	0.25	2.71	P=0.195
CRENCATOT	3	2.56	0.20	2.63	P=0.052

* p-valor referente ao teste de Kruskal-Wallis para comparação das variáveis entre Instituições. Diferenças significativas (teste post-hoc de Dunn; $p < 0.05$): **Relacionamento Social** ('Instituição Privada' ≠ 'Pública SC'; 'Instituição Privada' ≠ 'Pública SP').

Observamos na Tabela 3 o comportamento conjunto da amostra nas três instituições investigadas. A instituição privada destaca-se com tendências negativas para o domínio relacionamento social.

A Figura 1 mostra como os escores se distribuíram entre os alunos da graduação, funcionários e coordenadores-professores, em torno dos valores quartis, da mediana e da média, além de dar uma noção da dispersão, porque apresenta os valores extremos observados. Na Figura 2 observamos o domínio relacionamento social entre as instituições.

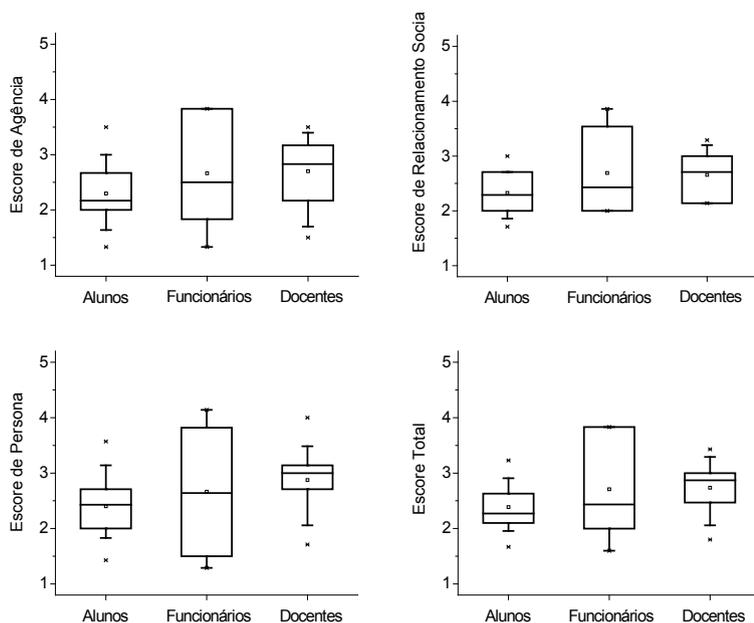


Figura 1 – Tendências da distribuição dos escores positivos (1 e 2), neutro (3) e negativos (4 e 5) dos alunos da graduação, funcionários e coordenadores-professores, por domínios, na escala de crenças em relação à velhice

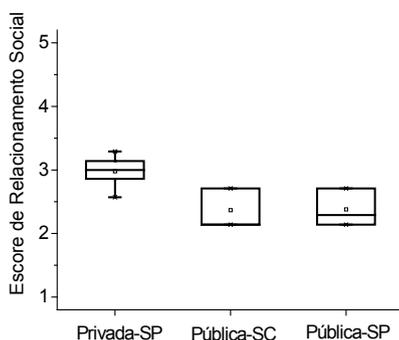


Figura 2 – Tendências da distribuição dos escores por instituição, pelo domínio relacionamento social, na escala de crenças em relação à velhice

Discussão

A maior barreira para a transformação de atitudes e de comportamentos em relação à velhice é a falta de conhecimento científico entre os profissionais de educação e de saúde e a falta de esclarecimento de pessoas de todas as idades sobre as características e as potencialidades do envelhecimento (Prudent e Tan, 2002; Mehta, Tan e Joshi, 2002; Cachioni, 2002; Meyer, 2003; Cachioni e Neri, 2004; McConatha et al., 2004; Tan, Zahng e Fan, 2004; Fajelmelhin, 2004; Lowenstein, 2004; Neri e Jorge, 2006).

Os dados da presente pesquisa colocaram em evidência o papel importante dos estudos formais no estabelecimento de conhecimentos específicos sobre velhice. Podemos afirmar que são positivas as crenças em relação à velhice dos alunos da graduação, dos funcionários e dos coordenadores-professores pertencentes às instituições investigadas. Os resultados encontrados confirmam os de outros estudos da literatura nacional, tais como os de Neri e Jorge (2006), Cachioni (2002), Freire, Areais e Rabelo (2001). Também são semelhantes aos dados encontrados na literatura internacional, como em Fitzgerald et al. (2003), Stuart-Hamilton (2000), Polizzi e Steitz (1998).

Respondendo aos itens da escala, os sujeitos avaliaram que o idoso bem-sucedido é aquele que possui boa capacidade cognitiva, por apresentar características de sabedoria, persistência, criatividade, precisão, e estar em alerta; que apresenta bom nível de relacionamento social, sendo construtivo, bem-humorado, cordial, interessado pelas pessoas e generoso. Envelhecer mal apareceu relacionado a discriminações e rótulos sociais como a rejeição, o isolamento e a desvalorização.

Os alunos da graduação apresentaram tendências positivas em todos os domínios da escala. Esse dado corrobora com Neri e Jorge (2006), que afirmam que quanto mais os programas educacionais puderem colocar os estudantes em contato com os idosos para que tenham experiências reais e pessoais com essa clientela; mostrarem a eles a diversidade existente na população idosa e a heterogeneidade das experiências de envelhecimento; forem capazes de lhes apresentar os pontos de convergência entre os processos de envelhecimento e desenvolvimento e os ajudarem a desenvolver um apropriado corpo de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, mais eficazes serão quanto à formação de recursos humanos para lidar com a velhice (Neri, 2000; Bass e Ferraro, 2000; Harris e Dollinger, 2001; Lowenstein, 2001; Cachioni, 2002; Altpeter e Marshal, 2004; Cotter et al., 2004; Von Dras e Lor-Vang, 2004; Cachioni e Neri, 2004).

O grupo dos coordenadores-professores demonstra, em comparação aos alunos da graduação, tendências menos positivas nos domínios agência, persona e relacionamento pessoal. Lembramos que esses profissionais, em sua maioria, possuem formação específica na área gerontológica e/ou desenvolvem todas suas atividades em programas relacionados às questões da velhice, o que lhes confere maior conhecimento na área, conseqüentemente, uma visão mais realista do fenômeno do envelhecimento. Dados semelhantes foram verificados em Cachioni (2002) ao relatar que os professores das universidades da terceira idade com curso de pós-graduação *stricto sensu*, juntamente com os especialistas em gerontologia e geriatria, apresentam pontuações mais negativas no domínio agência onde estão os itens relacionados à autonomia e à dependência. Essa visão menos positiva dos velhos,

provavelmente, é em função de terem um nível de aspiração mais alto e reconhecerem a heterogeneidade da experiência do envelhecimento, onde nem todos os idosos são independentes e têm acesso a programas educacionais. A partir de dados de estudos com profissionais que atuam na área gerontológica, autores como Nidiffer e Moore (1995) e Polizzi e Steitz (1998) sugerem que quanto mais alto o grau de formação e de conhecimentos, maior é a tendência para uma percepção mais realista e distante de avaliações extremas sobre a velhice.

Faz sentido refletir nas seguintes proposições de Douglass (1998), quanto à formação do profissional que vai atender idosos, tomando como ponto de referência os aspectos mencionados da realidade nacional: a) deve conhecer a diversidade e a heterogeneidade do processo de envelhecimento; b) deve estar envolvido em pesquisas e conhecer os avanços tecnológicos da área; c) precisa reconhecer, tanto na teoria como na prática, a importância da ação interdisciplinar; d) deve contribuir para implantação de programas de educação para o envelhecimento; e) deve assumir os desafios da área na promoção da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida do idoso; f) através da ação educativa, deve promover junto à sociedade mudanças de percepções e atitudes sobre a velhice e o envelhecimento.

O domínio relacionamento social foi avaliado com tendência moderadamente negativa entre a amostra da instituição privada. Esse dado vem confirmar o depoimento de funcionários e principalmente dos coordenadores-professores do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, acerca do comportamento de alguns idosos percebidos como não adequados para a convivência institucional: o exarcebamento na busca de seus direitos, tais como prioridades no atendimento de serviços do elevador, da cantina, do estacionamento. Percebem que os próprios idosos apresentam atitudes preconceituosas em relação à velhice quando verbalizam publicamente o quanto são jovens e que velho é o outro. Nos estudos de Cachioni (2002) e Neri (1995) o domínio relacionamento social foi avaliado com tendência moderadamente positiva, sendo que *ser crítico* foi o fator mais destacado como menos

positivo. Esse dado vem confirmar o depoimento de vários docentes, que salientaram que o aluno idoso é bastante crítico por saber o que e como deseja aprender.

De modo geral, os dados sugerem que, entre os sujeitos, existe heterogeneidade de experiências e de crenças em relação à velhice e ao envelhecimento. O crescente acesso a informações científicas sobre o envelhecimento soma-se à heterogeneidade das experiências de velhice, determinando que as pessoas desenvolvam visões plurais e multidimensionais sobre o idoso, a velhice e o processo de envelhecimento.

Dessa forma, não se pode dizer que as atitudes negativas, os estereótipos e os preconceitos em relação a esses temas sejam universais. É mais adequado concordar com a literatura que mostra que eles são contextualizados por eventos socioeconômicos, históricos e culturais e por circunstâncias da vida pessoal, familiar e profissional.

Conclusão

A visão do envelhecimento, a passos tímidos, vem tomando novos rumos. Os avanços científicos nas diversas áreas do conhecimento têm criado a possibilidade de repensar e até de demolir alguns mitos sobre a velhice. A gerontologia educacional tem funcionado como uma oportunidade terapêutica sobre a memória, a concentração, a capacidade cognitiva, o aprendizado e a criatividade nos idosos. Tem oferecido novas vias em que, por meio dos programas educacionais, o aluno idoso pode ter acesso ao saber e, com autonomia, pode conquistar melhor qualidade de vida.

O papel da universidade é relevante para modificar a imagem do idoso no contexto atual. De um lado, há uma visão conservadora e estereotipada da velhice, que impregna a vida social por meio de mensagens explícitas e implícitas de natureza negativa e positiva. De outro, observa-se um novo paradigma sobre o envelhecimento, com novas concepções e atitudes assumidas por profissionais e por idosos que estão em busca de respostas diferentes para o seu próprio envelhecimento. Por meio da convivência com os idosos, os alunos da graduação,

funcionários e coordenadores-professores têm tido a oportunidade de quebrar preconceitos, rever falsas crenças e reavaliar seu contato e prática profissional.

Os dados deste estudo contrariam a idéia de que graduandos, profissionais de serviços especializados e professores envolvidos na área gerontológica possuem visões superpositivas ou supernegativas sobre a velhice. Ao contrário, sugerem que quanto mais se convive e se conhece, mais realista e contextualizada é a percepção acerca desse grupo etário possuidor de características tão heterogêneas. Reforçando essa idéia, reportamo-nos a Neri, que diz: “o velho brasileiro não existe. Existem várias realidades de velhice referenciadas a diferentes condições de qualidade de vida individual e social” (Neri, 1993, p. 39).

Referências

- ALTPETER, M. e MASHALL, V. W. (2003). Making aging real for undergraduates. *Educational Gerontology*, v. 29, n. 9, pp. 739-756.
- BASS, S. A. e FERRARO, K. (2000). Gerontology education in transition: Considering disciplinary and paradigmatic evolution. *The Gerontologist*, v. 40, n. 1, pp. 97-106.
- _____. (2002). *Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de Universidades da Terceira Idade*. Tese de doutorado, concentração em Gerontologia. Campinas, Unicamp.
- CACHIONI, M. (2002). *Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de universidades da terceira idade*. Tese (Doutorado em Gerontologia). Campinas, Faculdade de Educação, Unicamp.
- CACHIONI, M. e NERI, A. L. (2004). Educação gerontológica: desafios e oportunidades. *Vivencer – Revista Interdisciplinar sobre o envelhecimento*, v. 1 (jan.-jun.), n. 1, pp. 69-78.

- COTTER, J. J.; COOGLE, C. L.; PARHAM, I. A.; HEAD, C.; FULTON, L.; WATSON, K. e CURTIS, A. (2004). Designing a multidisciplinary geriatrics health professional mentoring program, *Educational Gerontology*, v. 30, n. 2, pp. 107-117.
- CRONBACH, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, n. 16, pp. 297-334.
- DOUGLASS, B. E. (1998). Role of private foundations and training in gerontology. *Association for Gerontology in Higher Education*, p. 11.
- FAJELMILEHIN, B. R. (2004). Attitudes of students in health professions toward caring of older people: needed curricula revisions in Nigeria. *Educational Gerontology*, v. 30, n. 3, pp. 383-390.
- FITZGERALD, J. T.; WRAY, L. A.; HALTER, J. B.; WILLIAMS, B. C. e GUPIANO, M. A. (2003). Relating medical students knowledge, attitudes, and experience to an interest in geriatric medicine. *The Gerontologist*, v. 43, n. 6, pp. 849-855.
- FREIRE, S. A.; AREAIS, R. e RABELO, D. (2001). Atitudes de estudantes universitários das áreas de saúde e humanas em relação à velhice. Resumos do III Congresso Sul-Brasileiro de Geriatria e Gerontologia. SBGG/SC. Florianópolis.
- FREIRE, S. A.; RABELO, D. e AREAIS, R. (2001). O velho e a velhice: atitudes de estudantes do curso de medicina em relação ao idoso e à velhice pessoal. Resumos do III Congresso Sul-Brasileiro de Geriatria e Gerontologia. SBGG/SC. Florianópolis, SC.
- HARRIS, L. A. e DOLLINGER, S. (2001). Participation in a course on aging: knowledgem attitude and anxiety about aging in oneself and others. *Educational Gerontology*, v. 27, n. 8, pp. 667-668.
- KALISH, R. (1979). The new ageism and the failures models: a polemic *The Gerontologist*, v. 19, n. 3, pp. 398-402.
- LEVY, B. (2001). Improving memory in old age through implicit self-stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, n. 71, pp. 1092-1107.

- LOWENSTEIN, A. (2001). The multidimensionality of gerontological education – the experience of Israel. *Educational Gerontology*, v. 27, n. 6, pp. 493-506.
- ____ (2004). Gerontology coming of age: The transformation of social gerontology into distinct academic discipline. *Educational Gerontology*, v. 30, n. 2, pp. 129-141.
- MCCONATHA, J. T.; HAYTA, V.; RIESER-DANNER, L. e POLAT, T. S. (2004). Turkish and U. S. attitudes toward aging. *Educational Gerontology*, v. 30, n. 3, pp. 169-183.
- MEHTA, K. K.; TAN, P. P. e JOSHI, V. D. (2000). Singapore social work students: Attitudes toward older adults. *Asia Pacific Journal of Social Work*, Singapore, v. 10, n. 2, pp. 40-54.
- MEYER, M. (2003). The current state and developments in Gerontology in European Higher Education. *Educational Gerontology*, v. 29, n. 1, pp. 55-69.
- NERI, A. L. (1988). *Envelhecer num país de jovens. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Tese de livre docência. Campinas, Unicamp.
- ____ (1991). *Envelhecer num país de jovens. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas, Unicamp.
- ____ (1993). “Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa”. In: NERI, A L. (org.). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas, Papirus.
- ____ (1995). *Atitudes e crenças em relação à velhice. O que pensa o pessoal do SENAC - São Paulo*. Relatório técnico. São Paulo, Senac.
- ____ (1996). *Atitudes em relação à velhice em adultos maduros e idosos*. Relatório técnico, PUC Campinas/Unicamp.
- ____ (2000). A formação de recursos humanos em gerontologia: o papel da pós-graduação. *Arquivos Brasileiros de Geriatria e Gerontologia*, v. 4, n. 3, pp. 99-104.

- NERI, A. L. (2003). "Atitudes e crenças sobre velhice: análise de conteúdo de textos do jornal O Estado de S. Paulo publicados entre 1995 e 2002". In: VON SIMSON, O. R. M.; NERI, A. L. e CACHIONI, M. (org.). *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas, Átomo e Alínea.
- _____. (2006). "Atitudes em relação à velhice: questões científicas e políticas". In: FREITAS, E. V. et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
- NERI, A. L. e JORGE, M. D. (2006). Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de educação e de saúde: subsídios ao planejamento curricular. *Estudos de Psicologia*, v. 23, n. 2, pp. 127-138.
- NERI, A. L.; CACHIONI, M. e RESENDE, C. M. (2002). "Atitudes em relação à velhice". In: FREITAS, E. V. et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
- NIDIFFER, W. W. e MOORE, B. A. (1985). Attitudes of University Administrators Toward Older Adults. *Educational Gerontology*, n. 11, pp. 387-399.
- OSGOOD, C. E.; SUCI, G. J. e TANNENBAUM, P. H. (1957). *The measurement of meaning*. Urbana, University of Illinois Press.
- PALMORE, E. (1990) *Ageism: positive and negative*. Nova York, Springer.
- POLIZZI, G. K. e STEITZ, A. J. (1998). Examining the Aging Semantic Differential: Suggestions for Refinement. *Educational Gerontology*, n. 24, pp. 207-223.
- PRUDENT, E. S. e TAN, P. P. (2002). Caribbean students' attitudes toward older adults. *Educational Gerontology*, v. 28, n. 8, pp. 669-680.
- SCHAIE, K. W. (1993). Ageist language in psychological research. *American Psychologist*. v. 48, n. 1, pp.49-51.
- STUART-HAMILTON, I. (2000). Attitudes to Aging Questionnaires: Some Evidence for Potential Bias in The Desing. *Educational Gerontology*, n. 26, pp. 37-47.

TAN, P. P.; ZHANG, N. e FAN, L. (2004). Student 's attitudes toward the elderly in the Pople's Republic of China. *Educational Gerontology*, v. 30, n. 4, pp. 301-314.

VON DRAS, D. D. e LOR-VANG, M. N. (2004). Using an Internet activity to enhance students' awareness of age bias in social perceptions. *Educational Gerontology*, v. 30, n. 4, pp. 261-273.

Data de recebimento: 10/2/2008; Data de aceite: 11/8/2008.

Meire Cachioni – Psicóloga. Pós-Doutora em Educação pela Unicamp. Docente do curso de Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. E-mail: meirec@terra.com.br

Luis Enrique Aguilar – Doutor em Educação pela Unicamp. Pesquisador do Laboratório de Políticas Públicas e Planejamento Educacional, LaPPlanE. Ex-Coordenador do Programa de Pós-Graduação/FE/Unicamp e atualmente Membro da Comissão de Avaliação da Sub-Área Educação da Capes. E-mail: luis.aguilar@merconet.com.br